

Companhia de Música Teatral (2003). *Andakibebé*. Porto: Campo das Letras (livro, CD e guia para Pais e educadores).

Para os Pais e educadores

É na primeira infância que se aprende mais e melhor. Nos últimos tempos vários estudos têm demonstrado que os primeiros anos de vida são cruciais para o desenvolvimento intelectual e afectivo do ser humano. Privações e danos verificados neste período de vida são muito difíceis de superar.

Nesta linha de pensamento, Edwin Gordon - investigador norte-americano, autor de importantes trabalhos no domínio da Psicologia da Música e da Pedagogia Musical – tem defendido que é na altura do nascimento que a criança dispõe de um maior potencial para a aprendizagem musical. Se não se receber estimulação adequada esse potencial decresce. Assim, é fundamental que muito precocemente o meio envolvente ofereça estímulos musicais ricos e diversificados, proporcionando à criança um percurso de aprendizagem semelhante ao da aquisição da língua materna.

Numa outra perspectiva, autores como os Papousek defendem que os princípios da aquisição da linguagem e do desenvolvimento da competência musical podem ser indistintamente abordados no quadro da interacção familiar, como formas de comunicação humana na primeira infância. Concretizando: cantar, embalar, dar pequenas palmadas, brincadeiras que têm a ver com o movimento e a dança, são formas primárias de comunicação que simultaneamente incentivam a aquisição da língua materna e o desenvolvimento da competência musical. Ou seja, a comunicação pré-verbal que se estabelece entre Pais e filhos é importante quer em termos linguísticos como em termos de estimulação musical. No entanto, não obstante haver nos Pais predisposições intuitivas para uma primeira estimulação musical, constata-se que a sociedade industrializada tem criado hábitos de vida que têm alterado aquelas práticas. Nomeadamente, a TV tem alterado muito o tipo de contactos e os hábitos de interacção verbal e musical que os Pais tradicionalmente estabeleciam com os seus filhos.

Desde 1995 - altura em que Edwin Gordon apresentou no nosso país a primeira conferência relativa ao desenvolvimento musical de recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar, decisivamente influenciando o panorama da Pedagogia Musical no nosso país - tem-se assistido a um crescente interesse pelas orientações musicais na primeira infância. E é deveras entusiasmante que isto esteja a acontecer. Contudo, é crucial alertar vivamente para a

Companhia de Música Teatral (2003). *Andakibebé*. Porto: Campo das Letras (livro, CD e guia para Pais e educadores).

importância da participação dos Pais neste processo, “relembrando” aos Pais e educadores formas “musicais” de se relacionarem com os seus pequeninos.

Este conjunto de ideias leva-nos a pensar que é importante disponibilizar repertório que tenha como público alvo as crianças mais pequeninas e os seus Pais, bem como recuperar o repertório tradicional dirigido à infância, que o consumismo desenfreado vai fazendo desaparecer. É igualmente fundamental trazer e reforçar no domínio educativo aquilo que parecem ser formas naturais e intuitivas de práticas interactivas do quotidiano.

A sociedade actual necessita de imaginar espaços educativos em que Pais, educadores e artistas compartilhem a expressão artística e reencontrem na Arte um espaço de comunicação. É necessário encontrarmos formas de partilhar o trabalho educativo entre as famílias e os profissionais da Arte e da Educação de forma a “desescolarizar” a educação.

Comece-se, então, por reflectir em conjunto sobre algumas das questões que muito frequentemente são colocadas a respeito das orientações musicais na primeira infância e que podem ajudar a contextualizar o presente trabalho.

Para quê fomentar a aprendizagem musical numa criança?

Para que a criança possa compreender uma parte fundamental da Cultura humana. Para que possa expressar-se consigo própria e com os que a rodeiam. Para que tenha acesso a esta “língua humana” (utilizando a expressão de Pascal Quignard na sua obra *Todas as manhãs do mundo*) que lhe permite relacionar-se com o Mundo de uma forma única e que lhe pode trazer vivências humanamente muito gratificantes.

Dispensem-se argumentos como a detecção precoce de talentos ou eventuais ganhos acrescidos em termos educativos noutras áreas do comportamento (do género: a Música desenvolve o raciocínio verbal ou matemático, a sociabilidade, etc.) para justificar o direito a uma aprendizagem musical de qualidade.

Relativamente ao primeiro argumento, há que ter presente que a definição de uma carreira e as decisões vocacionais se alicerçam em fundamentos de vida muito mais amplos e profundos.

Relativamente ao segundo tipo de argumentos, há que fazer notar que remetem para segundo plano a riqueza intrínseca que a experiência musical contém em si mesma. Isto é, a experiência humana e o contacto com outras realidades proporcionado pela experiência musical é único, insubstituível, e portanto, suficiente para se auto-justificar. Por que se há-de dizer que a Música é importante para se aprender melhor a Matemática ou a Língua Portuguesa, em vez

Companhia de Música Teatral (2003). *Andakibebé*. Porto: Campo das Letras (livro, CD e guia para Pais e educadores).

de se dizer que as crianças devem aprender a Língua Portuguesa ou a Matemática para melhor aprenderem Música?

Porquê iniciar o contacto com a Música desde o nascimento?

São vários os estudos que mostram que o recém-nascido possui desde o nascimento um grande número de competências sensoriais e de processamento de informação a partir das quais se estabelece a sua interação e comunicação com o Mundo. Nos primeiros tempos de vida têm lugar aquisições cruciais, determinantes para as aprendizagens futuras.

Assim, a qualidade da orientação musical a fornecer logo após o nascimento é de uma importância capital. Tal como na aquisição da língua materna em que a criança vai adquirindo informalmente - em interação com os Pais e o meio envolvente - a preparação necessária para posteriormente aprender questões formais relativas à leitura e à escrita da mesma, também musicalmente a criança necessita de estar preparada antes de ser integrada num programa formal de estudos musicais. Ou seja, em termos musicais é necessária uma preparação idêntica à que precede a entrada de uma criança na escola para aprender a ler ou a escrever ou para resolver problemas de matemática. Este período de instrução informal deverá ser como que um prelúdio para a instrução formal a ocorrer posteriormente.

O que se pretende quando se defende um contacto precoce com a Música?

Pretende-se criar condições para que a criança venha a compreender a Música e seja capaz de comunicar as suas próprias ideias musicais expressando-se de forma autónoma e independente. Uma aprendizagem musical de qualidade deve permitir que compreendamos não só as histórias musicais dos outros, mas também que possamos “contar as nossas próprias histórias”, como dizia um conhecido músico de *jazz*. A aprendizagem musical deve ser iniciada o mais cedo possível de forma a permitir uma compreensão mais profunda da comunicação musical, criando-se assim condições para que o indivíduo adquira as capacidades necessárias para se expressar através deste meio.

Com a aprendizagem musical pode suceder o mesmo que com algum mau ensino da matemática ou da língua materna, alvo de críticas quando as crianças são capazes de ler sem compreenderem aquilo que lêem ou são capazes de apresentar resultados certos em operações matemáticas sem, no entanto, entenderem o raciocínio matemático subjacente. Musicalmente falando pode suceder também que as crianças sejam capazes de imitar mas não sejam capazes

Companhia de Música Teatral (2003). *Andakibebé*. Porto: Campo das Letras (livro, CD e guia para Pais e educadores).

de transferir as suas competências musicais para outros contextos ou situações que não aquela que repetidamente memorizaram e mecanizaram.

A grande finalidade desta exposição precoce à Música é, pois, criar condições para que a criança a aprenda como aprende a língua materna. Para que venha a ser capaz de pensar musicalmente. Para que venha a ser capaz de formular ideias musicais próprias podendo ir cada vez mais longe no âmbito da sua imaginação sonora, quer se trate de uma situação de audição musical, de execução num instrumento, de improvisação, de composição, de leitura ou de escrita musical.

O que significa “orientar musicalmente”?

Significa criar condições de estimulação musical e proporcionar um meio rico musicalmente onde a criança possa encontrar aquilo de que necessita para o seu desenvolvimento. Isto é, não existe a ideia de ensinar no sentido de atingir objectivos muito específicos e concretos. Trata-se de proporcionar à criança a oportunidade de coleccionar e explorar o vocabulário musical da sua cultura envolvente.

O processo deve ser natural, semelhante ao que sucede com a aquisição da língua materna. Nesta, os adultos interagem verbalmente com a criança, não havendo, no entanto, uma intenção directiva no sentido de a ensinar a falar - a criança vai estando simplesmente exposta às interacções verbais do meio. Aos poucos, o seu palrar vai elegendo os fonemas predominantes da cultura linguística envolvente. Vai pronunciando sílabas, palavras, reconhecendo o nome de objectos e acções (ex.: aponta quando se lhe pergunta onde está o Pai, a Mãe, o gato, etc.), nomeando objectos com as suas próprias codificações (água é “bua” colher é “Plai”, por exemplo) tacteando por entre a construção das frases (ex.: “eu sabo”, em vez de “eu sei”). E à medida que o seu conhecimento verbal vai aumentando, também o seu pensamento vai poder complexificar-se e mais enriquecidas se vão tornando as suas possibilidades de expressão. Depois de um período de aquisição de vocabulário através de processos imitativos, a criança vai pouco a pouco tornar-se capaz de penetrar no território da improvisação verbal.

De modo análogo, em termos musicais, trata-se também de expor a criança à cultura musical do meio envolvente - como se se tratasse de um "banho musical" - sendo importante que o meio ofereça experiências musicais diversificadas. A diferença e a comparação são basilares na aprendizagem - aprende-se o que é distinguindo-o do que não é. Por isso, quanto mais rico e variado for o meio musical proporcionado à criança, maior será o vocabulário

Companhia de Música Teatral (2003). *Andakibebé*. Porto: Campo das Letras (livro, CD e guia para Pais e educadores).
musical adquirido e, portanto, maiores serão as possibilidades de desenvolvimento da compreensão e do pensamento musical.

Na realidade, acontece muito frequentemente que é desprezada a atenção devida a este período prévio de instrução informal, e, passando por cima de etapas fundamentais na sequência de aprendizagem musical, para depois se confrontar a criança com situações de aprendizagem para as quais não está preparada. Por exemplo, demasiado precocemente exige-se que aprenda a tocar um instrumento ou aprenda a ler uma partitura. No entanto, antes que isto suceda, é importante criar situações específicas em que a criança possa vivenciar experiências musicais globais, expressando-se através do movimento e da voz. Depois, antes de contactar com a escrita musical, há que incentivar a exploração de sons no seu instrumento de eleição – se possível, contactando previamente com vários -, estimulando-a a “tirar de ouvido” pequenas melodias, a fazer pequenos acompanhamentos e a inventar “pequenas obras”.

A este respeito, lembremo-nos do que sucede no âmbito da aquisição da leitura e da escrita: uma criança só inicia esta aprendizagem depois de conseguir expressar-se oralmente. Depois de possuir vocabulário que lhe permita expressar as suas próprias ideias. Depois de fazer as suas próprias improvisações e criações orais, expressando as suas ideias através de palavras. Só depois faz sentido confrontá-la com o mundo da leitura e da escrita. E, espera-se que a criança que agora aprende a segurar a caneta possa um dia mais tarde servir-se dela para escrever os seus poemas, as suas cartas, os seus apontamentos, as suas reclamações – possa, com ela, comunicar consigo e com o Mundo.

Aprender a tocar um instrumento é como aprender a segurar a caneta para, igualmente, encontrar uma extensão de si próprio. Assim, a aprendizagem de um instrumento deverá suceder-se a um contacto com a Música em que a criança vai adquirindo vocabulário musical que lhe permita expressar e criar as suas próprias ideias musicais. E neste primeiro contacto informal com o mundo da Música – tal como com o mundo das Palavras – os Pais e os educadores são os primeiros Mestres.

Qual é, então, o papel dos Pais neste processo?

Antes de mais é necessário que os Pais encontrem tempo para estar com o seu bebé. É muito importante sublinhar a palavra “tempo”. Tempo para estar, sem qualquer objectivo específico. Tempo para desfrutar dessa experiência magnífica que é estar com o bebé.

Companhia de Música Teatral (2003). *Andakibebé*. Porto: Campo das Letras (livro, CD e guia para Pais e educadores).

Depois, os Pais devem ter presente que a interacção humana é fundamental nas aprendizagens. As pequenas brincadeiras que os adultos fazem com a própria voz, com sons vários e com o corpo, quando se acercam de um bebé (a que o bebé responde ou provoca de variadas formas) são formas primárias de comunicação. A linguagem verbal e a expressão musical, características únicas do ser humano, são faces emergentes da mesma necessidade de estar em contacto com o Mundo.

A interacção comunicativa, que se estabelece entre os Pais ou educadores e os bebés, e que é mediada através de modalidades expressivas presentes na voz, no olhar, no corpo e no tacto, é absolutamente insubstituível e contém natural e instintivamente as “primeiras lições”: de sociabilidade, de música, de linguagem verbal.

Linguagem falada e expressão musical são formas de comunicação mediadas por um conjunto de interacções vocais em que é difícil estabelecer fronteiras. Entre uma e outra existirá mesmo uma zona de sobreposição: alguns registos vocais (por parte das crianças e dos pais) são, simultaneamente, formas primárias de comunicação linguística e formas primárias de comunicação musical.

Dir-se-ia que “Palavra e Música brotam da mesma fonte”, como diria o poeta Eugénio de Andrade, mas as suas águas – expressividade e entoação – acrescentamos nós, correm em leitos diferentes.

Os aspectos lúdicos envolvidos numa primeira exploração sonora conduzida pela voz humana e caracterizada por um conjunto de modalidades sensoriais e comunicacionais que englobam o tacto, o reforço positivo e a imitação das respostas dadas pelas crianças são elementos fundamentais na relação intersubjectiva que se estabelece entre o adulto e a criança. E, simultaneamente, constituem os primeiros elementos da iniciação musical de qualquer criança.

Nestes primeiros passos musicais é fundamental cantar para a criança. Cantar para ela, deixando-se guiar por ela. De acordo com Edwin Gordon, é fundamental que, desde o nascimento, a criança conheça a diferença entre a voz falada e a voz cantada. Isto parece ser essencial para que, mais tarde, ela consiga cantar, também.

Em termos de orientação musical os adultos devem ter igualmente presente que o contraste e a diversidade dos estímulos musicais são fundamentais. As aprendizagens fazem-se através de comparações. Por isso, é importante dispor de um conjunto diversificado e contrastante de canções e fragmentos musicais que se vai apresentando à criança, para que ela

Companhia de Música Teatral (2003). *Andakibebé*. Porto: Campo das Letras (livro, CD e guia para Pais e educadores).
vã reconhecendo as diferenças. Por outro lado, há que saber equilibrar isto com alguma repetição e estabilidade.

Depois, à semelhança do que sucede com a aquisição da linguagem em que há frases que são sistematicamente repetidas e em que se realça e repete uma dada palavra (por exemplo: “Onde é que está o gato? Vamos chamar o gato? Ga-to! Gato, anda cá! Ga-to!”) também musicalmente se deve proceder à apresentação de um todo musical e depois à apresentação repetida de algumas das suas parcelas. Quando a criança balbucia ou imita alguma destas partes, os Pais, naturalmente, podem reforçar com entusiasmo esse comportamento da criança.

O silêncio – a tela do músico – é igualmente de uma importância extrema. Deve alternar com a riqueza e a diversidade oferecidas, como sendo verdadeiramente a outra face da Música. A Música são recortes de silêncio. Seria, pois, contraproducente cair-se no extremo oposto de saturar, cansar uma criança à viva força de a querer estimular musicalmente. O silêncio é a casa da Música.

Os períodos de silêncio permitem assimilar, ouvir interiormente, rever na imaginação sonora aquilo que foi previamente apresentado. De facto, a prática permite observar que é muitas vezes nos períodos de silêncio a seguir às intervenções musicais dos educadores que as crianças interiorizam o que ouviram ou que apresentam respostas mais explícitas.

Mas, e se os Pais não souberem Música?

Por vezes, alguns educadores e Pais pensam que, por não saberem descodificar uma partitura ou dominar um instrumento, “não sabem Música”. No entanto, de uma forma geral, todos os seres humanos, em maior ou menor grau, são capazes de se expressarem musicalmente e, portanto, de alguma forma todos os educadores podem participar na iniciação musical dos seus educandos.

É certo, por outro lado, que nem todos os educadores terão tido, eles próprios, vivências musicais, ao contrário do que sucedeu, por exemplo, com a sua língua materna que, por isso, é facilmente passada à geração seguinte. É aqui que cabe o papel de alguém especializado - um duplo papel, aliás: centrado no bebé mas também nos Pais ou acompanhantes da criança. De facto, embora o trabalho de orientações musicais que vimos realizando possa ocorrer em creches e jardins de infância, é ainda mais interessante - sobretudo no caso das crianças mais pequeninas - que ocorra em sessões em que cada bebé se faz acompanhar do seu progenitor ou educador. Assim, os próprios Pais podem também descobrir em si próprios potencialidades musicais que desconheciam, como podem também aprender, por modelagem, formas de

Companhia de Música Teatral (2003). *Andakibebé*. Porto: Campo das Letras (livro, CD e guia para Pais e educadores).
interagir musicalmente com as suas crianças, podendo-as explorar posteriormente no quadro da sua relação humana.

De qualquer modo, independentemente do seu nível de competências e conhecimentos, há algumas actividades com carácter musical que os Pais podem estabelecer com os seus filhos. Nem que seja, pelo menos, para transmitir o gosto pela Música. Informalmente, temos tido a oportunidade de observar que crianças muito pequenas – situadas na faixa etária entre os zero e os catorze meses - têm reacções muito diversas conforme os seus Pais exteriorizam ou não a sua musicalidade no âmbito de sessões de orientações musicais em que temos realizado. Como se recebessem “autorização” dos seus Pais ou como se recebessem destes o comportamento “modelo” que procuram imitar.

Através de que tipo de actividades podem os Pais e educadores desenvolver esta “interacção musical”?

Antes de mais, é fundamental cantar para a criança, embalando-a (um hábito que hoje em dia, lamentavelmente, começa a perder-se). É importante também dispor de um conjunto de canções com características musicais diversificadas. (Sublinhe-se que se trata de cantar para a criança e não com a criança). Como foi já referido, é essencial que, desde o berço, a criança possua modelos de “voz cantada” e de “voz falada”.

Edwin Gordon defende que se devem usar canções sem texto (isto é, usando uma sílaba neutra como “nanana”, “bababá” ou “parara”) de forma a que a criança atenda às características puramente musicais das mesmas. Este é um aspecto que às vezes suscita algumas dúvidas em alguns educadores pois, dizem, na nossa cultura é normal cantar canções com letra. É verdade, mas é igualmente verdade que, se observarmos a forma espontânea de embalar, muitas vezes os adultos cantam a canção com palavras, mas depois passam a cantá-la em “hummmm” (ou outra sílaba neutra) e vice-versa. Em observações informais temos também verificado que no processo de aprendizagem de uma canção os adultos vão intuitivamente alternando a sua apresentação com texto ou sem texto, consoante as necessidades da criança. Por outro lado, não é um facto que as próprias canções tradicionalmente denominadas de “canções de embalar” contêm vários fragmentos musicais cantados em sílaba neutra como “ruru” ou “ó-ó”?

Por outro lado, trata-se novamente de uma questão de sequência de aprendizagem, mais do que de idade cronológica. Numa fase inicial de aprendizagem musical é importante que a criança seja exposta (também) a canções sem texto, o que lhe permite concentrar a sua atenção sobre as características musicais intrínsecas da canção em vez de a dividir com aspectos que

Companhia de Música Teatral (2003). *Andakibebé*. Porto: Campo das Letras (livro, CD e guia para Pais e educadores).
têm a ver com a linguagem, o “contar da história” da canção. É possível que, depois de superada esta fase de desenvolvimento musical, as próprias crianças “exijam” canções com texto, pois já estão preparadas para isso. O bom-senso, e não o fundamentalismo, devem orientar a acção do educador. Na nossa experiência temos informalmente verificado que as crianças com que temos contactado na fase de explosão da linguagem (aproximadamente entre os dezoito e os vinte e quatro meses) reclamam vivamente a presença do texto. Note-se, no entanto, que antes desta fase pudemos observar já a reprodução extremamente afinada de pequenos fragmentos musicais sem texto. Dados empíricos deste teor levam-nos a corroborar as afirmações de Edwin Gordon que defendem que o período entre os zero e os dezoito meses de idade é crucial em termos de aquisição da voz cantada, sendo crucial neste período a exposição da criança a canções sem texto.

Os Pais ou educadores poderão recorrer também a rimas infantis como “o pipi põe o ovo e o menino papa-o todo”, “pim pam pum, cada bola mata um, vai dar de comer à galinha e ao peru, quem se livra és mesmo tu”, “rei-capitão, soldado ladrão, menina bonita do meu coração”, etc. Embora estas rimas possam ser apresentadas na sua versão original, com texto, deve também incluir-se rimas como estas mas em sílaba neutra, ao que chamamos “cantos rítmicos”. Por exemplo, dizer a rima “rei-capitão, soldado ladrão, menina bonita do meu coração”, em “bababá”, com grande inflexão vocal e expressividade, garantindo um bom fraseado musical. Um mesmo canto rítmico deve ser executado conservando-se sempre o mesmo andamento. No entanto, devem ser utilizados diferentes cantos rítmicos com diferentes andamentos, métricas e carácter.

Os educadores poderão também recorrer a jogos de movimento e de exploração do espaço. A exploração do espaço através do movimento é fundamental em termos da aquisição da noção de tempo que, por sua vez, é a base do sentido rítmico. É importante que a criança explore o espaço envolvente de uma forma livre e relaxada, com envolvimento total do seu corpo.

Assim, interessa modelar movimentos fluidos deixando que a criança explore o seu corpo e o espaço circundante com total liberdade. O educador pode ainda recorrer a jogos que apelem à exploração do espaço, do tempo, do corpo e à fluidez do movimento. Utilizando, por exemplo, imagens como: “vamos andar como as formigas; como os gigantes; como autómatos; vamos colher flores, vamos apanhar nuvens, etc.”. É essencial não impor movimentos estereotipados ou tensos mas antes deixar que a exploração do espaço (“espaço é tempo”,

Companhia de Música Teatral (2003). *Andakibebé*. Porto: Campo das Letras (livro, CD e guia para Pais e educadores).
afirma-o Franz Brugen, um dos grandes músicos da actualidade) se faça de forma descontraída e natural, de acordo com as possibilidades físicas de cada criança.

Inquestionavelmente, os Pais podem também recorrer a fragmentos de música gravada proporcionando a sua audição à criança. Devem ser escolhidos exemplos de obras musicais diversificadas em termos de género, estilo, instrumentação e outros elementos musicais. Tendo em vista captar a atenção da criança, estes exemplos devem ser curtos e apresentar grandes contrastes em termos de timbre e de dinâmica. Escusado será dizer que a qualidade de gravação e de interpretação deve ser a melhor possível.

(...)

E se os Pais forem desafinados?

Em primeiro lugar há que perguntar se, de facto, se é desafinado ou se se é mesmo “mau” músico... Por vezes alguns educadores interiorizaram esta ideia sem qualquer fundamento ou só porque ouviram algum comentário infeliz e pouco ajuizado a esse respeito...Até certo ponto, todos os Pais e educadores são capazes de se expressar musicalmente, podendo inclusivamente aproveitar este período de interacção musical com os mais pequeninos para melhorar o seu desempenho musical. Há, efectivamente, uma forma especial de cantar para os mais pequeninos...Depois, há que recordar a velha expressão “quem não tem cão, caça com gato”. Há várias possibilidades de nos relacionarmos com a Música. Se um dos educadores é melhor em termos rítmicos e movimento do que outro que, por sua vez canta melhor, podem perfeitamente articular a respectiva acção.

Obviamente que, sempre que possível, é desejável proporcionar experiências musicais de elevado nível artístico. Que se lhes dê “o melhor do Mundo”. Uma canção infantil pode e deve ser cantada com o mesmo critério de qualidade que se exige, normalmente, na apresentação de um concerto *a solo*. A qualidade vocal, a sonoridade, a precisão rítmica e de afinação são aspectos que, mesmo numa canção infantil, podem ser trabalhados até à exaustão. Tal como numa obra musical mais complexa, é sempre possível melhorar a *performance* de uma simples canção infantil ou de um canto rítmico, aperfeiçoá-los em termos interpretativos. É nas coisas simples que se vêem (ou ouvem) as grandes almas, os grandes artistas.

Por outro lado, é certo que um bebé é como uma esponja e, de facto, as aprendizagens não são inócuas: pior do que não aprender Música é aprender da forma errada. Mas, até mesmo os profissionais podem cometer erros...Portanto, até um certo nível é possível contar com a colaboração dos Pais nesta iniciação ao Mundo da Música. As eventuais limitações não devem

Companhia de Música Teatral (2003). *Andakibebé*. Porto: Campo das Letras (livro, CD e guia para Pais e educadores).

servir de desculpa para que nada se faça neste âmbito. Todos gostaríamos de ser Eusébios ou Sophias para iniciar os mais pequeninos no desporto ou no mundo mágico das histórias e da poesia, mas não é por não o sermos que devemos prescindir de o fazer...

Que respostas se devem esperar por parte da criança?

Nenhumas. Isto é, não há que ter expectativas predeterminadas relativamente à observação de reacções específicas. É certo que as crianças estão a absorver, a receber essa estimulação, mas diferentes crianças, em diferentes ocasiões, podem ter respostas variadas.

Por outro lado, é bem evidente que, desde o nascimento, se podem observar comportamentos que são respostas específicas a situações musicais. Faz todo o sentido estudar o “desenvolvimento musical” como uma área específica do desenvolvimento psicológico, à semelhança do que sucede com outras áreas do desenvolvimento humano.

Que reacção esperam os Pais quando, desde o nascimento, comunicam, interagem verbalmente com os seus filhos? Não esperam nada em troca, e essa é uma das características da sua forma de comunicar: uma generosidade incondicional. Não deixam de falar com eles só porque os seus rebentos não lhes dirigem a palavra ou não lhes respondem da mesma forma... Também musicalmente há que interagir sem esperar nada em troca....

É possível encontrar crianças que, face à estimulação musical a que estão sujeitas, se remetem a um grande silêncio e quietude. Um dia, no entanto, surpreendem-nos com o grau de elaboração das suas respostas. Portanto, há que respeitar o ritmo pessoal de cada um e as suas formas próprias de exteriorização. As aprendizagens podem ser despoletadas por outros, mas a assimilação do conhecimento, a sua construção, é um processo solitário.

Nem no berço ninguém ensina nada a ninguém.

(...)

Companhia de Música Teatral (2003). *Andakibebé*. Porto: Campo das Letras (livro, CD e guia para Pais e educadores).

Bibliografia:

Lopes-Graça, F. (1991). *A canção popular portuguesa*. Lisboa: Ed. Caminho.

Gordon, E. (2000). *Teoria de aprendizagem musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Papousek, M. (1996) – Intuitive parenting: a hidden source of musical stimulation in infancy. In *Musical beginnings – Origins and development of musical competence* (ed. I. Deliège e J. Sloboda), pp.88-112. Oxford: Oxford University Press.

Rodrigues, H. (1998). *Música para os pequeninos – Elementos da perspectiva de Edwin Gordon*, Cadernos de Educação de Infância, 48, pp.39-41.

Rodrigues, H. (2000). *Aspectos sobre desenvolvimento musical de recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar segundo a perspectiva de Edwin Gordon*, Cadernos de Educação de Infância, 53, pp. 31-37.

Torres, R. (1998). *As Canções Tradicionais Portuguesas no Ensino da Música*. Lisboa: Ed. Caminho.

Valerio, W. *et all* (1991). *Music Play*. Chicago: GIA.